

CURADORIA

PEDRO ARAGÃO (UniRio)
SAMUEL ARAUJO (UFRJ)
SARA COHEN (UFRJ)

O Simpósio *Ernesto Nazareth 150 anos* – uma iniciativa do Instituto Moreira Salles em parceria com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – tem por meta incentivar o pensamento e as reflexões acadêmicas sobre a obra e o legado de um dos mais importantes compositores brasileiros de todos os tempos. Reunindo expoentes da pesquisa sobre o compositor, o Simpósio procura aproximar a moderna produção acadêmica sobre Ernesto Nazareth (com a participação de professores e pesquisadores da USP, UniRio, UFPE, UFF, UFRJ, ISEJ e Universidad Distrital de Bogotá) e o trabalho de pesquisa que vem sendo realizado em instituições públicas e privadas, como o Instituto Moreira Salles e o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.

Apesar de sua enorme popularidade na primeira metade do século xx – “o compositor teve a glória de ser tão familiar na pátria inteirinha, que todos falavam ‘o Nazaré’, que nem se trata um primo, um sobrinho e os amigos do nosso coração”, como salientou Mário de Andrade –, a obra de Nazareth ainda permanece em boa parte desconhecida do grande público.

Dividido em quatro eixos temáticos, o Simpósio pretende não apenas discutir aspectos ligados à vida e à obra do compositor, como também os significados mais amplos de seu legado, que se relacionam, de modo indissociável, à própria sociedade brasileira: questões como nacionalismo, influências negras nas Américas, interfluxo entre gêneros musicais da Europa, da África e do Brasil, circularidade cultural, e outros temas.

Como resultado final do Simpósio, está prevista a publicação *on-line* dos trabalhos apresentados nos anais do evento, que serão disponibilizados no *site* ernestonazareth150anos.com.br.

INGRESSOS LIMITADOS

Distribuição de senhas na recepção do IMS 30 minutos antes do início de cada mesa

ERNESTO NAZARETH 150 ANOS

Realização

Instituto Moreira Salles

Coordenação

Bia Paes Leme

Paulo Aragão

Assistentes de coordenação

Euler Gouvêa

Fernando Krieger

Elías Leite

Curadoria do Simpósio

Pedro Aragão (UniRio)

Samuel Araújo (UFRJ)

Sara Cohen (UFRJ)

Projeto gráfico

Gustavo Marchetti

Produção gráfica

Acássia Correia

Revisão

Flávio Cintra do Amaral

Assessoria de comunicação

Nathalia Pazini

Coordenação de produção

Elizabeth Pessoa

Produção

Camila Goulart

Som

Denílson Campos

Luz

André Carvalho

Operadores

Adriano Brito dos Santos

Edmar dos Santos de Brito

Fotografia

Ailton Silva

Filmagem

Flavio Alexim

ims.com.br

Realização do Simpósio



SITE

Idealização

Paulo Aragão

Concepção e Coordenação

Alexandre Dias

Paulo Aragão

Bia Paes Leme

Pesquisa, Textos e Discografia

Alexandre Dias

Consultoria e Linha do tempo

Luiz Antonio de Almeida

Editoração musical

Marcílio Lopes

Adaptação “melodia e cifra”

Marcílio Lopes

Paulo Aragão

Revisão musical

Alexandre Dias

Paulo Aragão

Bia Paes Leme

Marcílio Lopes

Naomi Kumamoto

Colaboração

Sara Cohen

Pedro Aragão

Desenvolvimento

Henrique Pallazzo

(OBRA/Tecnologia)

Projeto gráfico

Daniel Trench

Pesquisa de imagens

Daniel Angelo

Assistentes

Ana Rabello

João Ricardo Bouhid

Instituições parceiras

Biblioteca Nacional

Instituto Casa do Choro

Instituto Jacob do Bandolim

Musica Brasilis

ernestonazareth150anos.com.br

OBRA

Seção contendo as 211 composições de Nazareth, com textos sobre cada peça e as respectivas partituras originais para piano solo, além de adaptações para melodia e cifra.

LINHA DO TEMPO

Trabalho inédito elaborado pelo biógrafo Luiz Antonio de Almeida.

DISCOGRAFIA

Tabela catalogando mais de 2.700 gravações que as músicas de Nazareth receberam em todo o mundo, desde 1902. Mais de 2.300 delas estão disponíveis para audição *on-line* na íntegra.

DISCOS DEDICADOS

Listagem de todos os discos dedicados inteiramente a Nazareth, com as respectivas capas.

AGENDA

Relação de *shows* e concertos que incluem músicas de Nazareth em seu repertório.

Instituto Moreira Salles

rua Marquês de São Vicente, 476 – 22451-040 – Rio de Janeiro – RJ

tel (21) 3284 7400 – ims.com.br

IMAGENS

Mais de 300 imagens oriundas das coleções de José Ramos Tinhorão/IMS, Ernesto Nazareth/IMS e Luiz Antonio de Almeida.

TEXTOS

Uma extensa bibliografia com mais de 300 referências relacionadas a Nazareth, entre livros, trabalhos acadêmicos, jornais e revistas, textos publicados *on-line*, encartes de discos, álbuns de partitura e mídia digital.

NAZARETH E VOCÊ

Seção interativa, com depoimentos de internautas compartilhando memórias ligadas à obra de Nazareth.

BLOG

Seção destinada à publicação de textos inéditos sobre Nazareth, informando também atualizações do *site*.



ERNESTO
 NAZARETH
 150 ANOS

ernestonazareth150anos.com.br

19 A 21 DE MARÇO DE 2013

Instituto Moreira Salles – RJ



Ernesto Nazareth

A importância de Ernesto Nazareth para a música brasileira transcende o rico legado do conjunto de suas composições. O espírito e a qualidade de sua obra impregnaram seus contemporâneos e as gerações seguintes, levando nossa música definitivamente a um outro patamar. Devemos a ele muito mais do que o prazer de desfrutar as pérolas que escreveu; devemos-lhe o estabelecimento de uma nova identidade musical que, a partir dali, daria seus voos nas mais variadas direções, sem contudo perder a marca da organicidade e da elaboração, sempre imersas na profunda brasilidade que ele imprimiu em cada uma de suas peças.

O Instituto Moreira Salles, guardião do Acervo Ernesto Nazareth há exatos 10 anos, teve a honra de abrir com um ano de antecedência as comemorações do sesquicentenário, inaugurando o *site Ernesto Nazareth 150 anos* no dia 20 de março de 2012. Agora, chegada a grande efeméride, este portal encontra-se funcionando plenamente, reunindo extenso material e convertendo-se em importante centro de referência sobre a vida e a obra do compositor e seus desdobramentos.

Como parte dos festejos, o IMS programou um evento de Abertura com recital do pianista André Mehmari, além de homenagens a duas “nazarethianas” históricas: a musicóloga Mercedes Reis Pequeno e a pianista Eudóxia de Barros, importantes divulgadoras do nome e da obra do compositor.

Buscando também atualizar e ampliar o debate acadêmico em torno do legado de Ernesto Nazareth e sobre a pesquisa musicológica no Brasil, o IMS promove o *Simpósio Ernesto Nazareth 150 anos*, em parceria com a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que se estenderá por dois dias, em quatro mesas, contando com a participação de eminentes pesquisadores e músicos.

Com este conjunto de iniciativas, o Instituto Moreira Salles reafirma seu compromisso com a preservação, a curadoria e a divulgação de acervos musicais, buscando contribuir, com seu trabalho, para o engrandecimento do inestimável patrimônio musical brasileiro.

Recital de Abertura

19 de março, 20h

ANDRÉ MEHMARI
PIANO

PROGRAMA

1. Famoso (E. Nazareth)
2. Suíte: Odeon (E. Nazareth) / Choro pro Zé (Guinga)
3. Eponina (E. Nazareth)
4. Reboleço (E. Nazareth)
5. Canção desnecessária (Guinga)
6. Furinga (E. Nazareth)
7. One-step / Ignez (Pixinguinha)
8. Pinguim (E. Nazareth)
9. Suíte: Xangô / Digo (E. Nazareth)
10. Turbilhão de beijos (E. Nazareth)
11. Vivo entre valsas (A. Mehmari)
12. De tarde (E. Nazareth/Augusto de Lima)
13. Suíte: Escovado / Ferramenta / Brejeiro (E. Nazareth)

ANDRÉ MEHMARI

Pianista, arranjador e compositor, nasceu na cidade de Niterói, RJ, em 1977. Considerado pela crítica “um artista singular, de imaginação vibrante e generosa”, Mehmari teve seus primeiros contatos com a música por meio de sua mãe, já em Ribeirão Preto, SP. Mudou-se para a capital paulista em 1995, ao ingressar no curso de piano da ECA-USP. Compositor prolífico e requisitado, apontado como um dos mais originais e completos músicos brasileiros de sua geração e premiado tanto na área erudita quanto popular, teve suas composições e arranjos tocados por muitos grupos orquestrais e de câmara, entre eles a Osesp, a OSB, a Banda Sinfônica do Estado (na qual foi compositor residente em 2007), o Quarteto da Cidade de São Paulo e o Quinteto Villa-Lobos. Além de manter uma ativa carreira internacional de solista, criou duos expressivos com músicos como Mário Laginha, Gabriele Mirabassi, Hamilton de Holanda, Ná Ozzetti, Maria Bethânia e Mônica Salmaso.

HOMENAGEADAS

MERCEDES REIS PEQUENO E
EUDÓXIA DE BARROS

O SITE ERNESTO NAZARETH 150 ANOS É DEDICADO À MEMÓRIA DO GRANDE PIANISTA E PESQUISADOR ALOYSIO DE ALENCAR PINTO (1911-2007)

O Instituto Moreira Salles e o *Simpósio Ernesto Nazareth 150 anos* prestam homenagem especial a duas grandes brasileiras, fundamentais para a memória e a divulgação da obra do compositor. Mercedes Reis Pequeno, nome vital para a musicologia brasileira e fundadora da Divisão de Música e Arquivo Sonoro (Dimas) da Biblioteca Nacional, foi responsável pela organização da *Exposição do Centenário de Ernesto Nazareth*, realizada em 1963, reunindo manuscritos, primeiras edições, fotografias e objetos pessoais do compositor. O catálogo da exposição permanece como ponto de partida para todos os pesquisadores da obra de Nazareth.

Já Eudóxia de Barros, uma das mais importantes pianistas brasileiras da atualidade, tem sua carreira marcada pelo pioneirismo na divulgação da obra de Ernesto Nazareth em recitais e gravações. Foi responsável pelos primeiros LPs totalmente dedicados à obra de Nazareth em seu formato original. Em sua brilhante carreira, que já atinge a marca dos 60 anos, renova permanentemente seu compromisso com a difusão da música brasileira, e de Nazareth em especial.

Por suas trajetórias essenciais para a memória, a pesquisa, a interpretação e a difusão da música brasileira, o IMS tem a honra de recebê-las como convidadas especiais dos eventos comemorativos dos 150 anos de Ernesto Nazareth.



Simpósio Ernesto Nazareth 150 anos

20 E 21 DE MARÇO DE 2013

Instituto Moreira Salles

Programa de Pós Graduação em
Música da Universidade Federal
do Estado do Rio de Janeiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Nazareth e a memória musical

MEDIAÇÃO

SARA COHEN (UFRJ)

HOMENAGEADA

EUDÓXIA DE BARROS

A mesa tem como meta discutir os mais recentes resultados de pesquisas que envolvem o acervo e os trabalhos musicológicos realizados em torno da obra de Nazareth, incluindo revisões de fontes primárias e datações de manuscritos.

LUIZ ANTONIO DE ALMEIDA (MIS-RJ)

Aspectos inéditos da vida e do legado de Nazareth

A palestra terá como tema aspectos biográficos de Nazareth ainda pouco explorados pela historiografia da música popular brasileira. A partir de uma pesquisa mais ampla, que teve por resultado uma biografia ainda por ser publicada, o trabalho mostrará aspectos desconhecidos da vida de Nazareth, incluindo trechos de entrevistas com o filho, a sobrinha e o enfermeiro particular do compositor.

ALEXANDRE DIAS (ernestonazareth150anos.com.br)

Nazareth em hemerotecas digitais brasileiras – Uma nova fonte de pesquisa musicológica

Com a digitalização e a disponibilização pública de extensos acervos de jornais brasileiros publicados desde o século XIX, novas possibilidades de pesquisa musicológica têm surgido. Anúncios de casas de partitura e programas de recitais permitem a identificação do ano de publicação de diversas peças. A partir dessa informação, é possível inferir a data aproximada de outras peças, comparando-se o número de chapa de partituras publicadas por uma mesma editora. A obra de Ernesto Nazareth, embora desfrute de um *status* raro na música brasileira, possuindo um catálogo detalhado desde 1963, ainda apresenta muitas lacunas a serem preenchidas. O presente trabalho irá apresentar algumas descobertas relativas à vida e à obra de Nazareth a partir de pesquisas realizadas na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional.

Nazareth e a música popular

MEDIAÇÃO

PAULO ARAGÃO

(ernestonazareth150anos.com.br)

A obra de Nazareth está profundamente arraigada na matriz da música popular urbana: influenciado pela rítmica dos choros e dos instrumentistas populares de sua época, Nazareth teve sua própria obra transcrita e gravada por agrupamentos populares das primeiras décadas do século xx. A mesa “Nazareth e a música popular” tem por tema a complexa relação do compositor com a música popular urbana brasileira, enfatizando questões como circularidade cultural, “raça” e música, dicotomias, indústria fonográfica, representações e questionamentos sobre os conceitos de “erudito” e “popular”.

CACÁ MACHADO (USP)

O enigma do homem célebre

[...] si é certo que a obra de Ernesto Nazaré tem uma boniteza, uma dinâmica fora do comum, e ele apareceu e se desenvolveu no momento oportuno, não compreendo bem como é que se tornou popularmente célebre.[...] Ora a primeira observação que se impõe a quem estuda a obra densamente dele, é que de todas as músicas feitas prás necessidades coreográficas do povo, ela é a menos tendenciosamente popular.

MÁRIO DE ANDRADE, *Ernesto Nazaré*, 1926

Ao se referir a Nazareth como “popularmente célebre”, Mário de Andrade, intencionalmente ou não, esbarrou num tema desenvolvido por Machado de Assis em “Um homem célebre” (1888), conto em que trata, genericamente, da celebridade popular involuntária do músico que aspira ao *status* da música erudita. A aproximação biográfica entre Ernesto Nazareth e o personagem Pestana do conto é sintomática, ao mesmo tempo que reveladora, de um processo mais amplo da cultura musical da época, que diz respeito, entre outras coisas,

à acomodação e à criação de gêneros da música popular urbana na cidade do Rio de Janeiro. Nesse sentido, *música*, *história* e *literatura* formam uma trama intertextual de relações que parecem se concentrar admiravelmente na trajetória de Ernesto Nazareth.

JOSÉ MIGUEL WISNIK (USP)

Popular e erudito

A obra de Ernesto Nazareth se faz numa confluência entre o piano popular das polcas amaxixadas, o repertório semierudito de salão e a música de concerto. A superposição e o cruzamento desses níveis, constitutivos da vida musical no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, estão assinalados num conto de Machado de Assis (“O homem célebre”) e serão recorrentes em várias situações da música brasileira do século XX.

CARLOS SANDRONI (UFPE)

Discutindo possíveis fontes populares do “Batuque” de Nazareth

Uma das características fascinantes da obra de Nazareth é a maneira como ele transpõe para o piano sonoridades e ritmos da música popular de sua época. Entre muitos, o exemplo mais direto e explícito é possivelmente “Apanhei-te, cavaquinho!”, em que a melodia posta na região superaguda do teclado produz uma convincente imitação do pequeno instrumento. Nessa comunicação, iremos abordar “Batuque”, peça composta em 1913 e classificada pelo autor como “Tango característico”. Nossa proposta será explorar a possibilidade, reforçada pelo título e por outros elementos textuais da partitura, de que nela Nazareth também estivesse “imitando”, com os recursos de que dispunha, sonoridades populares de sua época. Isso nos levará a algumas pistas, que esperamos sugestivas, sobre “batuques” afro-brasileiros do final do século XIX.

Nazareth e o pianismo carioca

MEDIAÇÃO

PEDRO ARAGÃO (UniRio)

Ainda que espelhando a música popular urbana em seus mais diversos matizes – incluindo referências a instrumentos populares como o violão e o cavaquinho –, a obra de Ernesto Nazareth está inegavelmente imersa no idiomatismo pianístico. A mesa “Nazareth e o pianismo carioca” discute aspectos relacionados a essa temática, abordando, entre outros temas, a relação de Nazareth com obras de outros compositores cariocas do período, diálogos e empréstimos entre as esferas “erudita” e “popular”, aspectos interpretativos e gestuais do piano, entre outros temas.

SARA COHEN (UFRJ)

Piano, apanhei-te!

Para além da riqueza rítmico-melódica tão enfatizada por todos os que estudam a obra de Ernesto Nazareth, quando focalizamos nossa atenção nos aspectos pianísticos de algumas de suas peças, observamos a maneira como ele utiliza, de forma sistemática e consistente, determinados movimentos tradicionais para se tocar o piano, muitos deles presentes no repertório tradicional do estudo do instrumento. Essa unidade orgânica – técnica aliada à riqueza musical – confere um potencial didático a essas peças, permitindo que as vejamos como pequenos estudos que podem contribuir para a ampliação do repertório dos movimentos fundamentais para se tocar piano.

CRISTINA BITTENCOURT (ISERJ)

Pianismo brasileiro – Das fontes primárias ao híbrido popular/erudito

A palestra apresentará um breve apanhado da história da introdução do piano nas práticas musicais entre os séculos XIX e XX no Brasil e no Rio de Janeiro. Discorrerá também sobre a importância de se recorrer a fontes primárias, em arquivos e bibliotecas brasileiras. Num

segundo momento, a palestra apontará que o híbrido popular/erudito já era encontrado na formação da música de concerto europeia.

MARCELO VERZONI (UFRJ)

Presença de Nazareth em obras de compositores de música de concerto

Ao examinarmos periódicos publicados no Rio de Janeiro durante o Segundo Reinado e a Primeira República, encontraremos incontáveis anúncios de danças estilizadas em versões para piano solo. Ernesto Nazareth é um dos inúmeros compositores a se dedicar a tais gêneros. Por outro lado, se examinarmos os catálogos de compositores de música de concerto do mesmo período, e de períodos posteriores, encontraremos frequentemente alguma alusão a Ernesto Nazareth. Diante disso, apresentam-se naturalmente algumas questões: qual seria o elo entre Nazareth e compositores de música de concerto? O que teria ele a ver com Nepomuceno, Villa-Lobos e tantos outros? Por que o desejo de tantos músicos de escola de homenagear justamente Nazareth, e não outro dos tantos compositores de polcas, valsas e tangos?

Nazareth e a música do Atlântico negro

MEDIAÇÃO

SAMUEL ARAUJO (UFRJ)

Tomando por tema um conceito clássico do historiador britânico Paul Gilroy, a mesa “Nazareth e a música do Atlântico negro” discute as influências negras e seus intercâmbios em todas as Américas, por meio do grande fluxo intercontinental de gêneros musicais ligados ao imaginário negro, como o tango, a *habanera*, o maxixe, o choro, entre outros. A mesa discutirá a obra de Nazareth e seus possíveis intercâmbios com outras músicas populares da época, como tangos e milongas platinas, *jazz-bands* norte-americanas e bambucos e *pasillos* colombianos.

AVELINO ROMERO (UniRio)

O tango em preto e branco: Buenos Aires na outra margem do mesmo rio

No reconhecimento de um Atlântico negro e musical, aparecem as incontáveis figurações do gênero “tango”: cubano, andaluz, brasileiro, argentino. Se, por um lado, o termo remete a um universo africano, por outro a projeção internacional alcançada pelo “tango argentino”, a mediação dos imigrantes europeus em sua conformação e desenvolvimento e sua posterior caracterização pela melancolia e pela nostalgia, contrastados à alegria do brasileiro, suscitam dúvidas quanto a uma possível similitude e a uma “origem” comum. No caso argentino, um olhar sobre os diferentes tipos cobertos pela expressão mais usual hoje – “tango rioplatense” – e sobre sua peculiar historicidade revelam uma realidade dinâmica e fugidia pautada por tensões sociais e étnicas guiadas por esforços de afirmação identitária, que terminaram por demarcar os índices de afastamento sobre os de aproximação.

JAIR LABRES (UFF)

Jazz-bands e modernidade no Rio de Janeiro da década de 1920

A década de 1920 foi uma época de efervescência e euforia, inovações tecnológicas, da popularização da eletricidade, do rádio e do cinema. Uma época em que falar de *jazz* não significa falar apenas de um gênero musical, mas de um elemento cultural de dimensão muito ampla. O Rio de Janeiro, como qualquer cidade cosmopolita nesta década, estava repleta de orquestras *jazz-bands* se apresentando pelos diversos salões e eventos da cidade. Ernesto Nazareth, como um compositor de prestígio já consolidado no meio musical brasileiro no período, também teve suas composições executadas e gravadas no repertório dessas orquestras comerciais. Apesar de ser óbvia a dedução de que o *jazz* é um elemento estrangeiro na música brasileira, podemos dizer que ele se inseriu na cultura brasileira se apropriando de elementos musicais e sociais desta. E isso é visível pelo seu repertório, que era constituído por ritmos brasileiros que estavam em voga naquele momento: o maxixe, o samba e a marcha. Além disso, a polca, a valsa e a modinha também foram incorporados no repertório das *jazz-bands*, a fim de abranger um público maior. Nesse sentido, fica a questão: até que ponto esta cultura das *jazz-bands*, silenciada por tantos anos, contribuiu para a construção da tradição de orquestras na música popular brasileira?

MANUEL BERNAL (Universidad Distrital de Bogotá)

Entre valsas e *pasillos*: uma discussão sobre as transformações em gêneros populares na música para piano do fim do século XIX e das primeiras décadas do século XX

Como muitos outros gêneros latino-americanos, o *pasillo* colombiano surge das adaptações locais por que passaram as danças oriundas da música de salão, neste caso a valsa. Esta comunicação busca ilustrar as principais transformações musicais e de denominação que vão configurando o gênero, por meio de uma seleção de partituras de época, publicadas em periódicos, revistas e por algumas casas editoriais, bem como de gravações realizadas nos últimos anos. Serão enfatizadas as mudanças relacionadas com o desenvolvimento de um estilo baseado na busca de tensões rítmicas, mediante a identificação de contrastes e superposições de matrizes rítmicas, bases de acompanhamento e desenhos melódicos característicos.

Homenageadas e palestrantes

MERCEDES REIS PEQUENO nasceu no Rio de Janeiro em 8 de fevereiro de 1921, diplomou-se em piano pela Escola de Música da Universidade do Brasil (atual UFRJ) em 1937 e colaborou na *Revista Brasileira de Música* da Escola, a convite de Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, de 1940 a 1941. Completou o curso de biblioteconomia do Dasp e, em 1942, ingressou, por concurso, na carreira de bibliotecária do MEC - Instituto Nacional do Livro, trabalhando com Augusto Meyer.

Convidada pela União Pan-Americana, atual OEA, exerceu, de 1947 a 1949, a função de assistente do musicólogo Charles Seeger, então diretor da divisão de música da entidade. De volta ao Brasil, em 1951, iniciou o trabalho de criação e organização da Divisão de Música e Arquivo Sonoro (Dimas) da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, graças ao apoio do então diretor da biblioteca, o escritor Eugênio Gomes, construindo uma das mais importantes bibliotecas de música da América Latina. Em 1953, casou-se com o jornalista, linguista e violoncelista Evandro Moreira Pequeno.

Chefiou a Divisão de Música até 1990, quando se aposentou. Durante sua gestão, organizou e apresentou inúmeras exposições comemorando efemérides musicais

nacionais e estrangeiras, sendo que 18 delas tiveram catálogos impressos, focalizando a vida e a obra de compositores: Mozart (1956 e 1991); Ernesto Nazareth (1963); Alberto Nepomuceno (1964); Glauco Velásquez (1964); José Maurício Nunes Garcia (1967); Francisco Braga (1968); Beethoven (1970); Milhaud (1970), entre outros.

É membro da Academia Brasileira de Música desde 1994 e recebeu diversas distinções, entre elas: o Prêmio Paula Brito, em 1974; o Prêmio Estácio de Sá, em 1977; a Medalha Biblioteca Nacional, em 1990; a Medalha Museu da Imagem e do Som-RJ, em 1990; e a Medalha da Societé d'Encouragement au Progrès, de Paris, em 1993.

O catálogo da exposição que coordenou em homenagem ao centenário de Ernesto Nazareth em 1963 permanece como uma pedra fundamental para todos os pesquisadores de sua obra.

EU DÓXIA DE BARROS, uma das mais destacadas pianistas brasileiras, nasceu em São Paulo, em 18 de setembro de 1937, e estudou com Guilherme Fontainha, Karl Heim, Magda Tagliaferro, Nellie Braga, Lina Pires de Campos e o compositor Osvaldo Lacerda, com quem viria a se casar em 1982. Aperfeiçoou-se

na França, nos Estados Unidos e na Alemanha, e venceu por unanimidade o concurso para solista da North Carolina Symphony, sendo também solista da Cleveland Philharmonic Orchestra.

Apresentou-se nas principais capitais do mundo e em inúmeras cidades de todo o Brasil. Sua carreira discográfica é extensa, tendo gravado mais de 30 discos, em sua grande maioria dedicados à música brasileira. Em 1979, publicou o livro *Técnica pianística – Apontamentos sugeridos pela prática do magistério e concertos*. Apresentou-se sob a regência de diversos maestros, incluindo Diogo Pacheco (Osesp), Cláudio Ribeiro (OSPA) e Henrique Morelenbaum (Orquestra Petrobrás Pró-Música).

É fundadora e vice-presidente do Centro de Música Brasileira, sociedade civil que organiza concertos e concursos dedicados à música brasileira. É membro da Academia Brasileira de Música desde 1989 e da Academia Pernambucana de Música desde 1993, tendo recebido diversos prêmios, entre eles o Prêmio Nacional da Música (Funarte, 1995), o de Melhor Recitalista (APCA, 1997) e a Comenda do Mérito Anhanguera (2009).

Sua trajetória está intimamente ligada ao resgate da obra de Ernesto Nazareth. Em 1963, gravou o LP *Ouro sobre azul e*, em 1965, o LP *Gotas de ouro*, álbuns inteiramente dedicados a músicas de Nazareth em sua

versão original para piano solo. Frequentemente inclui peças de Nazareth em seus concertos e recitais-didáticos. Em 1976, participou do programa de perguntas e respostas *8 ou 800*, apresentado por Paulo Gracindo na tv Globo, respondendo sobre Ernesto Nazareth, o que inspirou uma geração de intérpretes e pesquisadores a se interessarem pelo compositor.

ALEXANDRE DIAS desenvolve intensa pesquisa a respeito da música brasileira do final do século XIX e início do século XX, com especial ênfase em Ernesto Nazareth, compositor cujas obras tem resgatado como pianista. Em 2009, revisou a obra completa de Nazareth e, atualmente, está elaborando uma nova edição crítica, em conjunto com a dra. Sara Cohen (UFRJ). Integra a coordenação dos sites *Ernesto Nazareth 150 Anos (IMS)*, *Acervo Digital Chiquinha Gonzaga (Natura)* e *Marcello Tupynambá.com*.

AVELINO ROMERO é historiador, pianista e, às vezes, bandoneonista. Natural do Rio de Janeiro e professor de história da música da UniRio, é mestre em história pela UFRJ. Publicou em 2007 a versão revista de sua dissertação, *Música, sociedade e política: Alberto Nepomuceno e a república musical do Rio de Janeiro*. Concluiu, em 2012, o doutorado em história na UFF com a tese *Buenos Aires, história*

e tango: crise, identidade e intertexto nas narrativas “tangueras”.

CACÁ MACHADO é músico e historiador. É pós-doutor pela FFLCH-USP, onde leciona como professor convidado no programa de pós-graduação do Departamento de História. Autor dos livros *O enigma do homem célebre: ambição e vocação de Ernesto Nazareth* (IMS, 2007), *Tom Jobim* (Publifolha, 2008), *Todo Nazareth: obras completas* (6 vol., Água-forte, 2011) e do CD *eslavosamba* (YB Music/Circus, 2013). Foi diretor do Centro de Música da Funarte (2009/2010) e do Auditório Ibirapuera (2011).

CARLOS SANDRONI é professor do Departamento de Música da UFPE. Colabora com o programa de pós-graduação em antropologia na mesma instituição e com o programa de pós-graduação em música da UFPB. É autor dos livros *Feitiço decente: transformações do samba carioca, 1917-1933* (Zahar, 2. ed., 2012) e *Mário contra Macunaíma: cultura e política em Mário de Andrade* (Vértice, 1988). Organizou, com Márcia Sant’Anna, o livro *Samba de roda no Recôncavo baiano* (Iphan, 2006). Tem mestrado em ciência política pela Luperj e doutorado em musicologia pela Universidade de Tours (França).

CRISTINA BITTENCOURT é doutora em música pela Université

d’Aix-Marseille I e mestre em música brasileira pela UniRio. Atualmente, é professora de música e educação no Instituto Superior de Educação do Estado do Rio de Janeiro, com publicações em periódicos brasileiros e participações em simpósios nacionais e internacionais. Iniciou pesquisa de pós-doutorado sobre etnografia das práticas interpretativas da música de concerto no Rio de Janeiro, no Laboratório de Etnomusicologia da Escola de Música da UFRJ.

JAIR LABRES é mestrando em história pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e graduado em história pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Sua pesquisa de mestrado tem como tema as *jazz-bands* do Rio de Janeiro na década de 1920, orientada pela profa. dra. Martha Abreu. Vive no Rio de Janeiro desde 2009, onde desenvolveu atividades relacionadas com arte e educação. Atualmente, trabalha como professor de história da rede estadual na cidade do Rio de Janeiro.

JOSÉ MIGUEL WISNIK é professor de literatura brasileira na Universidade de São Paulo, ensaísta e compositor. É autor de *O coro dos contrários – A música em torno da Semana de 22* (Duas Cidades, 1978), *Osom e o sentido – Uma outra história das músicas* (Companhia

das Letras, 1989), *Sem receita – Ensaios e canções* (Publifolha, 2004) e *Veneno remédio – O futebol e o Brasil* (Companhia das Letras, 2011). Tem quatro cds de canções de sua autoria. Atuou como professor visitante na Universidade da Califórnia em Berkeley (2006) e na Universidade de Chicago (2012).

LUIZ ANTONIO DE ALMEIDA vem desenvolvendo, desde 1976, atividade como pesquisador da música brasileira. Autor de textos para contracapas e encartes de LPs e cds, também se apresentou em recitais e palestras, programas de tv e rádio. Colaborou com editoras nos Estados Unidos e no Japão, escreveu prefácios e artigos, sempre na condição de biógrafo de Ernesto Nazareth. Atualmente, é o responsável pela Sala de Pesquisas do MIS-RJ, sede Lapa.

MANUEL BERNAL é licenciado em pedagogia musical pela Universidad Pedagógica Nacional e estudante do mestrado em musicologia da Universidad Nacional de Colombia. Professor dos programas de música da Universidad Distrital e da Universidad Javeriana, em Bogotá, seu interesse principal se concentra nas músicas locais/regionais de tradição popular. Intérprete da *bandola*, obteve importantes prêmios nacionais, além de ter desenhado e desenvolvido a família do instrumento, que interpreta

no Cuarteto Perendengue e na Orquestra Colombiana de Bandolas.

MARCELO VERZONI estudou piano inicialmente com Norma Bojunga (Porto Alegre), Gilberto Tinetti (São Paulo) e Arnaldo Estrella (Rio de Janeiro). É bacharel em música (piano solo) pela Universidade de Colônia (Alemanha), onde estudou com Aloys Kontarsky. Gravou dois cds para o selo alemão Koch-Schwann, distribuídos em toda a Europa, nos Estados Unidos e no Japão. No Brasil, gravou *O piano carioca* e *Piano clássico em Mangueira*. É professor adjunto da UFRJ e suas teses de mestrado e doutorado – *Ernesto Nazareth e o tango brasileiro* e *Os primórdios do choro no Rio de Janeiro* –, defendidas na UniRio, têm despertado interesse nos meios culturais brasileiros e também no exterior.

SARA COHEN é pianista e mestre em música (UFRJ), com pesquisa voltada para aspectos pianísticos da obra de Ernesto Nazareth (1988). Professora do setor de percepção musical do Departamento de Musicologia e Educação Musical da Escola de Música da UFRJ, desenvolve pesquisa sobre ritmo na música contemporânea e coordena o projeto A Lira da Minerva, bloco musical criado para levar o ambiente acústico das baterias de escola de samba para a Escola de Música da UFRJ.

